
Inconsciente Quântico

MD Magno

Transcrição das seções 27 e 28 dos *SóPapos 2019*,
realizadas em 28 setembro e 05 outubro
na UniverCidadeDeDeus, sede da NovaMente.

34, 28 set: “Mecânica quântica como informação quântica” – O Haver é o Inconsciente / O Haver é feito de pura informação / O Haver é feito de pensamento – A teoria quântica está sendo a teoria *física* do Inconsciente – O que chamam *coerência*, a sobreposição quântica, é o Ponto Bífido no Inconsciente – A psicanálise, como a física quântica, é o pensamento do Quarto Império. **35**, 05 out: O hipercomputador revirante: requisição de avesso – O Haver é: pura ordem de qbits / pura informação / pura música – Por que é difícil produzir um passo em qualquer campo do conhecimento? – O paradigma do conhecimento é sexual – Sexo é uma armadilha tão essencial e tão violenta que está em toda e qualquer formação – Tudo é gradual.

34

Sempre digo que é preciso prestar atenção à Mecânica Quântica. Ela se aproxima cada vez mais de nosso trabalho. Tenho aqui artigos de um físico (professor do Perimeter Institute for Theoretical Physics,

Waterloo, Canada), Christopher A. Fuchs. Num deles, de 2002¹, já no título temos: “Mecânica quântica como informação quântica”. Em outro momento, escreve que “o estado quântico deveria ser visto como informação”². Vejam que ele reduz o panorama a mera informação, estritamente a informação. Mais importante é o que, em outro texto³, diz com uma clareza que nunca vi antes: “A mecânica quântica *não* descreve a realidade física, mas nosso conhecimento da realidade”. Ou seja, a mecânica quântica, com suas formulações, não está descrevendo imediatamente alguma realidade física, e sim nosso conhecimento sobre ela. É um salto em relação à mecânica clássica, da microfísica. Outra frase do artigo de 2002: “O estado quântico é somente uma expressão da informação subjetiva” – como não uso este termo, digo “pessoal” –, “a informação que temos sobre um sistema quântico. Não tem realidade objetiva” – “concreta”, digo eu – “em si ou de si mesma”⁴.

“Seria a realidade, no nível mais profundo, informação?”, pergunta ele. Minha resposta, como aposta, é: sim. Fuchs cita bastante a frase de John Archibald Wheeler, que foi seu orientador: “it from bit”. Ou seja, a realidade não é senão elementos de informação. A própria física, em sua contramão, está se aproximando

¹ *Quantum Mechanics as Quantum Information (and only a little more)*.

² “The quantum state should be viewed as information”.

³ *Quantum Theory Needs No “Interpretation”*, por Christopher A. Fuchs e Asher Peres: “...quantum theory does *not* describe physical reality”.

⁴ “The quantum state is solely an expression of subjective information – the information one has about a quantum system. It has no objective reality in and of itself”.

da ideia de haver o Inconsciente como informação pura. Tenho, portanto, acertado ao dizer que **o Haver é o Inconsciente**. Os físicos clássicos não têm as condições ou a coragem de afirmar esse “it from bit”. Aproveito-me, portanto, desses achados da teoria quântica para reforçar que **o Haver é feito de pura informação**; ou melhor, que **o Haver é feito de pensamento**; ou melhor, repetindo, que o Haver é o Inconsciente. É também um outro estado dele, coagulado. As realidades que tocamos são pura coagulação de informação. A teoria quântica está sendo a teoria física do Inconsciente.

- Patrícia Netto Coelho – *Há um texto seu, intitulado O Halo Bífido do Inconsciente (publicado como artigo em TranZ: Revista de Estudos Transitivos do Contemporâneo, edição 2010), no qual você já traz esse percurso de Niels Bohr, passando por Wheeler e vindo até a mecânica quântica mais atual. Quanto ao estado quântico ser somente uma expressão da informação “subjetiva”, segundo o autor que você está citando, temos que saber que o “it do bit” é também uma realidade, um conhecimento nosso sobre aquilo. A realidade não é única, ela tem instâncias. Há uma realidade secundária, que é o conhecimento que uma IdioFormação pode estabelecer sobre uma realidade dada. Isso dispensa as ideias de subjetivo e objetivo, do que seria do nível do ideal e do que seria do nível de uma dita realidade. O que você está encarecendo é a ideia da Transa de Formações.*

Da Transa e da Homogeneidade radical do Haver. Notem que a física quântica tem o mesmo vetor da psicanálise: vai na contramão dos saberes. Importantes cientistas da física quântica dizem não ter

resposta para o que ela é. O mesmo vale para o Inconsciente. Se perguntarem o que é, direi que não sei.

Fuchs define o qbit como “um estado que, na computação quântica, permitirá trabalhar ao mesmo tempo com os dois estados deferidos”. Aí, está se referindo ao que chamamos de dois alelos do Revirão. E há também a questão do que chamam *decoerência*, que, para nós, é a questão de o Ponto Bífido imediatamente cair para um dos lados, para um dos alelos. O que chamam *coerência* – a sobreposição quântica enquanto tal – é o que chamo de Ponto Bífido no Inconsciente. A coerência não se sustenta, nem mesmo no Inconsciente. Há, sim, que levar o Ponto Bífido em consideração para reclamar o outro alelo. Em análise, por exemplo, o analisando traz uma posição e podemos reclamar a outra para desequilibrar a queda de nível do Ponto Bífido para um dos alelos. É a esta queda, a esta declinação da coerência, que chamam *decoerência*. Seria bacana se, dentro em pouco, fosse possível unificar as duas teorias, a física quântica e a Nova Psicanálise. A psicanálise antiga é linguística, etc.: tudo lateral, tudo *decoerência*. Tirando as equivocações de Freud, a história da psicanálise diz respeito à *decoerência*. E mesmo Lacan tendo inventado a equivocação como interpretação, a equivocação não foi esclarecida enquanto alternância entre alelos.

- Nelma Medeiros – *Pesquisando sobre Christopher Fuchs, li que, desde o início, ele encasquetou com a questão: O que é mundo? Ele tem uma pegada pragmatista declarada. Então, longe de ser um problema para o conhecimento, o quântico é o grande barato de*

conhecer. O conhecimento será sempre a partir do indeterminado. É ele que alimenta a vontade de conhecer.

Alguns chamam isto de *ignorância*.

- NM – *Ele fala em instrumentalismo, em pragmatismo e se refere a William James e John Dewey. Podemos falar em Gnose aí.*

Essa aparelhagem é a vertente gnóstica do pensamento. A Gnose foi pensada de um modo pré-psicanalítico, mas não há diferença quanto à postura de conhecimento. Vejam que as coisas estão confluindo. Quando o Quarto Império chegar de vez, tudo isso estará esclarecido. Há também que lembrar de Ralph Waldo Emerson.

- NM – *Segundo Harold Bloom, o pragmatismo é uma tradição herdeira dos poetas transcendentalistas norte-americanos: Henry David Thoreau, Emerson, etc., os quais são, digamos, primos da poesia romântica gnóstica inglesa: William Blake, John Keats... E o pragmatismo é uma referência forte para Anísio Teixeira aqui no Brasil. E também para MD Magno, que dá uma guinada gnóstica de pensamento em conhecimento...*

Conhecimento é o título do campo. Como sabem, *Gnose* quer dizer conhecimento: a possibilidade de chegar ao que outros chamam de transcendente pelo movimento transcendental do conhecimento cuja transcendência não-há. Chegará o dia em que tudo isso totalizará. Ao contrário de partir de baixo para cima, o pessoal partirá de cima para baixo. Partirá da pura informação para o conhecimento

de todo o resto. A física clássica parte do que chamam objetos de estudo. O Quarto Império inverterá esse vetor. O Bífido será tomado como referência, o que é o procedimento da psicanálise. A psicanálise – assim como a física quântica – é o pensamento do Quarto Império.

- NM – *Poderíamos dizer que a invenção da Paternidade no Segundo Império é uma decoerência?*

Só há decoerência do Primeiro ao final do Terceiro Império. Freud ficou tocado por isso. É grande a quantidade de textos seus em que ele fica *entre* os Impérios. Lacan evitou esta postura referindo-se apenas à equivocação da psicanálise. Já o pensamento psicanalítico que concebo é coerente, assim como a física quântica.

- PNC – *Neste sentido, Lucrecio e Espinosa têm o mesmo lugar na psicanálise: a ideia de clinamen – declinação, desvio – e a ideia de expressão.*

Eles têm a ideia de coerência?

- PNC – *Para Lucrecio, o princípio é o átomo.*

No sentido dele, se é átomo, como poderia partir-se? Mas ele cheirou a ideia.

- PNC – *Lucrecio fala em clinamen. Quem fala em átomo é Demócrito.*

Os historiadores da física colocam ambos como seus precursores. Acho perfeitamente espontâneo que o pessoal daquela época, ao tentar criar, estivesse mais ambíguo do que a física clássica

de Newton. Isso é importante para nós, pois, se tivermos uma correlação com a física quântica na definição do Inconsciente, entraremos no Quarto Império com as quatro patas.

• Aristides Alonso – *Onde a teoria binária da comunicação apanha é no aspecto em que a definição de informação oscila. Ora está para um lado, ora para outro; ora comparece como novo, ora como repetição; ora como caos, ora como organização... Por isso, parece-me que o Revirão é justamente o equacionamento da teoria plena da informação. E a teoria da informação clássica é apenas um recorte no Revirão. Considera os alelos sem colocar a lógica da plenitude da funcionalidade de ambos*

Eu disse que o Revirão é a linguagem. A teoria clássica é, portanto, uma consequência de Recalque. O pensamento ocidental até agora, em sua maior parte, tem sido consequência de um grande recalque. Já os pré-socráticos eram ambíguos. Quando não são ambíguos, são um casal. Basta ver Heráclito e Parmênides.

• PNC – *Haveria uma diferença entre a psicanálise e a física? Isto, à medida que a psicanálise focou nos efeitos que o Bífido produz no binário, mas, para ela, o binário não está desligado do Bífido. É o que vemos em Freud, por exemplo, ao falar do psiquismo como invasão do Inconsciente na consciência. Na física, uma vez que lida na escala binária, parece que a realidade está lá, estável, funcionando segundo leis próprias que não são aquelas do mundo quântico. Há uma separação, o mundo quântico não desestabiliza muito o mundo clássico. É a referência a certas fronteiras que, na*

sequência, deve se modificar. Por outro lado, uma revisão da física clássica deve supor a Bifididade na escala do binário, ainda que o conhecimento atual não consiga apontar.

Não consegue apontar porque há decadência. O universo suposto é decadente.

- AA – *De que modo um conhecimento próximo poderá reconhecer no decadente a presença do resto que foi amputado?*

É um reconhecimento imediato se pensarmos no Revirão. Basta sonharmos para ver isso. Os sonhos resvalam com a maior facilidade de um lado para outro, ou para uma situação esquisita em que dizemos não ter entendido. É o “não era minha mãe”, citado no artigo de Freud sobre a denegação. Isto porque é Bífido, o sonho acopla dois opostos. Lembro-me agora do sonho que tive ontem: eu ia visitar Lacan para levar de presente aquele nó borromeano de mármore que lhes mostrei aqui outro dia. O que estava eu devolvendo para ele?

- P – *Você disse que a física quântica assim como a psicanálise tem um vetor da informação para a experiência. Isto, ao contrário da física clássica, que seria da experiência para a informação. Nas leituras que fiz de Alexandre Koyré e outros, entendi que o que chamam de virada da ciência moderna inclui a física newtoniana, ao contrário da aristotélica que, esta sim, é descritiva, vai da experiência para a informação.*

Comparativamente, pode parecer que a física newtoniana vai da informação para a experiência, mas, com um passo a mais para nossa contemporaneidade, isso fica prejudicado.

• PNC – *Michel Serres, em seu livro La naissance de la physique dans le texte de Lucrèce: Fleuves et turbulences (Paris, Minuit, 1977), vai contra a tese de Koyré. Diz ele que é impossível pensar todo o conhecimento antigo da física sem formalização. Já haveria uma física matemática entre os gregos antigos.*

De qualquer forma, o fato de formalizar é a partir da experiência, e não o contrário. Partir da informação para a coisa é outra história, é considerar que, de saída, estamos diante de Formações, as quais são arranjos de informação: são formações de formações, de formações...

• NM – *Temos que lembrar que há outro alelo em Koyré. Ele também escreveu um livro sobre os místicos e os alquimistas, em cuja conta colocou a ciência.*

Talvez seja uma espécie de *mea culpa* pelo fato de o modo galileano ter passado a ser o modelo da ciência.

• P – *Quanto ao vetor da informação para a experiência, poderíamos falar em produção de realidade?*

Não existe realidade senão produzida em qualquer nível. Este é o problema. Quando nos damos conta disso com clareza, procuramos como compor essa realidade. Tomamos os bits e tentamos compor uma realidade em cima de uma experiência da qual ninguém dá conta.

Aí, isso é apresentado ao mundo como um conhecimento. Foi o que deu para fazer.

• P – *Trata-se também de como decompor. No caso da psicanálise, seu trabalho é de decomposição.*

Trata-se, literalmente, de como a coisa se compõe.

• NM – *E é gnóstico porque não há outra coisa a fazer. São produções de realidade.*

No Quarto Império, o Império d’Oespírito, é disso que se trata. É o Império da informação pura.

• P – *Freud não intuía isso ao falar em realidade psíquica?*

Sim. Já Lacan é mais decoerente.

• P – *Os poetas são decoerentes?*

A qualificarem a poesia, os críticos – com exceção de Harold Bloom – não costumam apontar para isso.

• PNC – *No Brasil, temos Claudio Willer, que é claro quanto a essa indicação. Você já indicou a leitura da tese dele, Um Obscuro Encanto: gnose, gnosticismo e poesia moderna (2010). No início do livro, já temos a relação dos transcendentalistas norte-americanos com a gnose a partir de William Burroughs e Jack Kerouac.*

A relação com os transcendentalistas e com o LSD.

• PNC – *Não acho que Lacan esteja do lado da decoerência. Ele destacou a passagem do Bífido para o binário e ficou num lugar intervalar.*

É o que chamava de equivocação. Isto, na prática analítica, mas não está claro na teoria.

• PNC – *Está no L'Étourdit.*

Que é maluquice dele. Esse texto é a loucura de Lacan, sua coerência. É um texto raro em sua obra. O uso da topologia em Lacan, por exemplo, é decoerente. Querer situar a neurose, isso e aquilo, é decadência. É uma complicação dos diabos – para nada. Ele, com isso, certamente estava tentando achar algo.

• NM – *É importante acompanhar o modo de articulação desses saberes todos tentando entender como os autores foram fazendo computações alélicas. Tomaram um aspecto e levaram o mais longe que puderam. Acontece que agora está se mostrando que qualquer dessas computações alélicas depende do Halo Bífido. O alélico deixa de ser a referência. Trata-se de poder considerar qualquer situação, primeiro, a partir da Bifididade para entender o modo de seu comparecimento binário.*

Assim como, nessa operação, vai-se partir da informação para a realidade. É o que já está começando a aparecer tecnologicamente. E é por isso que a maioria fica desarvorada. O mesmo acontece no social e na política. Ao falarem em pós-verdade, por exemplo, estão dizendo que as verdades eram *fake*. Então, sem condições de articular os

acontecimentos, as pessoas já foram invadidas pela situação generalizada de dissolvência. Até isso assentar na forma nova, a dificuldade será extrema.

• AA – *Ao dizer “da informação para a experiência”, você já está referido ao novo sentido. A informação binária clássica está no vetor inverso. Para Claude Shannon, informação é basicamente redução de incerteza e busca de certeza. Para Norbert Wiener, na medida do possível, é a transformação de situações caóticas em entendimentos organizados. É a decoerência, um dos lados. A informação quântica é o contrário...*

Na década de 1960, estudamos esses autores nas faculdades de comunicação. Hoje, a pergunta é: isso a que eles se referiam é informação?

• AA – *Se usarmos o foco do Revirão, poderemos ver que o que entendiam por informação diz respeito a algo que foi recortado e binarizado. O caminho ocidental de produção de conhecimento partiu do decoerente para vir a considerar o coerente.*

Note que, no final do século XIX, já tínhamos Nietzsche desfazendo a diferença entre bem e mal.

• PNC – *Quero perguntar sobre seu uso da topologia. Ao situar o ponto neutro na banda de Moebius – e é você quem o faz, e não a topologia –, temos o Bífido. Isto é diferente do Plano Projetivo, que é absolutamente homogêneo?*

Fica difícil distinguir aí. Se pensarmos matematicamente o Plano Projetivo, não há dentro dele a menor condição de distinção. A banda de Moebius é um corte no Plano Projetivo. Portanto, apresenta duas opções opostas ao mesmo tempo. Ela tem uma borda, o que já é começo da possibilidade de situar-se dentro dela: a pessoa pode perceber que revirou. No Plano Projetivo, não se percebe absolutamente nada, não há como se orientar. Não se consegue construí-lo por causa da dureza do material, mas um computador pode desenhá-lo mediante um ponto que percorre o espaço. Ele lá está computado. Ele pode ser feito com um fóton.

• P – *Se o Plano Projetivo é o Haver em seu estado mais puro, isso comparece no Inconsciente?*

Você já ficou completamente desorientado? É quando você fica absolutamente coerente. Qualquer coisa estar valendo é a essencialidade do Inconsciente. Se o Inconsciente não fosse dessa forma, seríamos um animal, com uma formação absolutamente descrita que pode ter elasticidade, mas é somente aquela. Se não nos perdermos de vez em quando, não acharemos nada. Por exemplo, você estuda, lê muito, faz análise com Lacan – aí se perde, fica maluco e inventa uma teoria. Trata-se aí da Loucura Fundamental.

• P – *Neurose é insistência na decoerência?*

O que acontece com uma formação Estacionária é ter decaído, recalcado um lado e ficado presa ali. Ela jamais se lembrará do outro lado se a análise não a futucar. E se essa queda, essa decadência para um lado, tiver um recalque muito pesado, a pessoa ficará maluca,

psicótica. Tomem o que acontece com a atual situação de governança em quase todo o planeta, em que o pessoal apavorado com a pós-verdade está fugindo para o recalque excessivo, para a lateralização excessiva. O pior é que não se conseguirá manter esse retrocesso, pois a situação de Quarto Império é dissolvente e desmoralizará até o besteiro que vemos vigorar cotidianamente nas falas e atos das autoridades constituídas. O problema é esta espécie nunca ter passado por isso antes e não estar sabendo o que fazer. Algum recalque é preciso, mas como não se consegue inventar um recalque novo, a maioria corre para os velhos. A situação não se sustenta porque a situação, sobretudo tecnológica, não deixa. A produtividade que interessa à economia é dissolvente. Então, o que há a ser feito se o capitalismo funciona, se a produtividade é o que interessa, e se a produtividade depende da tecnologia que é dissolvente?

- P – *Segundo o Creodo Antrópico, do Primeiro ao Terceiro Império, estamos dentro de um modelo instituído sobre uma base orgânica, primata (macho-fêmea, fêmea-filho, família). Como Quarto Império rompe com esse modelo macacal, isso faz com que a nave que nos conduziu até agora se desgoverne em demasia. O novo modelo traz consequências que não temos como avaliar: clonagem, inteligência artificial, robótica...*

Há ainda o grande projeto secreto no planeta, ao qual não temos acesso.

- AA – *Pierre Lévy, ao chamar de cibercultura esses movimentos vindo das redes computacionais, principalmente da*

microcomputação, traz uma questão grave justo porque o ciber é dissolvente da cultura. Tal qual a conhecemos, a cultura é bastante centrada até o Terceiro Império. No Quarto Império, desfaz-se a própria ideia de cultura.

Há um esforço enorme de retornar às culturas para ver se lá tem salvação. Não tem, pois cultura é uma formação Estacionária. Além disso, repetindo, o processo é dissolvente. O que vai dar é: pulverização. E não há cultura que a agente. Notem também que, do ponto de vista de distribuição, as culturas orientais são mais coerentes do que as ocidentais. Então, se a coisa for para esse lado, talvez ganhem a hegemonia. Talvez consigam, antes do Ocidente, um desenho de Quarto Império. Temos sempre que lembrar que, em última instância, o cristianismo é uma religião SM, sadomasoquista, o que já é freio bastante. No oriente, mesmo que o povo funcione grotescamente, a ideia de religião que lá vigora é de alto nível. Basta ver Buda, que é um pensamento da maior qualidade e importância, fora de uma situação sado masoquista humana. Já passou a era em que os sádicos da Igreja torturavam, matavam. Atualmente, na melhor das hipóteses, são gays.

35

(...)

• Patrícia Netto Coelho – *Quanto ao que você trouxe semana passada sobre a Bifididade e o Quântico, retomo sua menção em 2010 à*

hipótese de Roger Penrose de haver numa microestrutura cerebral algum tipo de funcionamento quântico e as refutações feitas a ela por questões de temperatura, etc. No final do artigo, escreve você: “...o pessoal busca construir um computador quântico, mas por que não constroem um hipercomputador revirante, pósclássico? É uma sugestão: tudo que se disser, ele avessará. Isto é quântico? Não. Tem a mesma estrutura lógica do quântico, mas não o é”. O fato de você fazer a analogia entre o funcionamento bífido e a questão do quântico é uma analogia mais ou menos recortada, pois, em seu caso, há um raciocínio a mais, que é aquele da Catoptria. Ou seja, temos a Bifididade e a Catoptria. Então, ao falar de hipercomputador revirante, trata-se da Catoptria, e não do quântico?

Se considerarmos do ponto de vista do quântico, estaremos pensando em *coerência* e em *decoerência*, *decoerência*. Ao sugerir o computador catóptrico, não estou exigindo que se faça coerência, e sim que a cada proposta se ponha o espelho. Isso não junta, não gera sobreposição, mas relativiza o tempo todo. Assim, na suposição de haver possibilidade de sobreposição, reclama-se o oposto, o avesso. Por que não inventam um computador que fique desse modo? Não estão procurando isso.

- AA – *Então, Bifididade seria igual ao Quântico?*

Sim. A pergunta anterior diz respeito à minha sugestão de pensar em avesso. Temos sempre que lembrar que Lá, na última instância, como já disse e os físicos quânticos também, é homogêneo.

Por isso, convidei Heráclito a se casar com Parmênides: tudo é Um porque tudo é múltiplo, e tudo é múltiplo porque tudo é Um. O Oriente sabe disto há milênios. O importante para nós é essa física da última instância estar chegando cada vez mais perto desse entendimento.

• AA – *Tomemos um troglodita de quinze mil anos atrás, no qual surge um processo revirante. Primeiramente, aquilo se constitui como da ordem do sonho ou da imaginação. Virou na cabeça dele, mas não virou no mundo, não foi traduzido em alguma decadência protética.*

Trata-se aí de requisição de avesso. O livro de Michel Serres que sempre cito, *O Terceiro Instruído*, propõe esse exercício de fazer tudo ao contrário: se você é destro, escrever com a mão esquerda, etc. Por isso, quanto à Postura do Psicanalista, não se pode aderir a formação política alguma. O analista está fora. Ele pode *ad hoc* preferir esta ou aquela. Aí é situação de mundo. Se ele nomear uma ideologia, será apenas um idiota completo. Ideologia é idiotice congelada, coagulada.

• AA – *Dado o funcionamento do Princípio de Catoptria na mente, supõe-se que surjam revirões inimagináveis, que não se concretizam, nem viram discursos.*

E quando o Revirão surge à revelia? Atualmente, está acontecendo demais. As pessoas ou denegam violentamente, que é o que faz a maioria, ou buscam dar conta do que aconteceu. É comum cientistas declararem estar fazendo uma coisa, surgir outra e descobrirem algo novo. Aquilo não foi descoberta, aconteceu à revelia.

Eles colheram o *acontecimento*. É, aliás, imbecil essa mania de atribuir coisas ao ego. Acontecimento – e não é preciso aqui a definição dada por Alain Badiou – é a coisa acontecer à revelia de seu processo, não foi alguém que fez. Por isso, um Fernando Pessoa diz: “Não meu, não meu é o quanto escrevo. A quem o devo? De quem sou o arauto nado?” É o reconhecimento de que mesmo seu poema lhe caiu sobre a cabeça. Ele só se fez disponível. Isso é diferente da produçãozinha cotidiana com o já feito, que é apenas criatividade como chamo para diferenciar de Criação.

- AA – *É uma distinção bem clara na Música.*

Johan Sebastian Bach inventou o *Caranguejo*, que é um tipo de composição em que todo o processo é colocado para cá e depois vira-se ao contrário. Num Tratado de Harmonia clássico, como o de Schoenberg, o que temos é geometria, álgebra. A psicanálise, por sua vez, não é muito diferente desses truques. Frequentemente, confundimos as decantações de figuras, as formações muito figurais, com os processos que, lá dentro, estão em andamento. A cultura não dá passos criativos. O que dá passos é o acontecimento que rompe a cultura. Conseguiremos acolhê-lo ou não. É interessante ver a teoria quântica contemporânea chegar à conclusão de que o Haver é pura ordem de qbits. Por isso, digo que o Haver é pura informação. Ou, se não, é pura música. Isso, ao coagular, vira samba canção. Algo completamente coagulado, que mexe com a “alma” das pessoas... Coagulou, é cultura – e nos afeta justo por sermos coagulados. É um bem como outro qualquer. Se entrar no mercado, passa a ser consumido. Por exemplo, assistimos a um espetáculo teatral

completamente inédito capaz até de nos movimentar e causar mudanças. Isto ocorreu porque éramos imbecis, estávamos menores do que o espetáculo. Ou seja, se o espetáculo foi posto é porque já era, já faz parte do acervo.

Por que é difícil produzir um passo em qualquer campo do conhecimento? Porque estamos aprisionados no conhecimento tido. Tomem o momento de criação de um pensamento e de uma prática novos como ocorreu com Freud. Uma vez seu aparelho montado, o Inconsciente já se torna meio difícil de ser abordado, pois fica-se repetindo a bobagem. Depois que cai, é bobagem. Na sequência, temos uma quantidade de gente tentando furar o sistema freudiano: Melanie Klein *et cetera*. Alguns fazendo loucuras ou, se não, fugindo para a configuração como é o caso de Jung. O maluco do Reich, este, queria ser mais científico do que a ciência, queria colocar o orgônio dentro da pilha. Quanto tempo levou para alguém saltar fora e começar de novo? Lacan tem a antena boa, percebe a mudança de paradigma no mundo e tenta explicitar o paradigma que sacou. Foi genial, estava tudo arrumadinho – mas já acabou, passou o tempo. Outro dia, me disseram que, nos anos 1980, eu teria dito uma série de coisas que estariam acontecendo hoje e me perguntaram como vi aquilo. Respondi que bastava olhar para ver. O pessoal não olha, não entende que se captura de fora para dentro, que não se inventa nada. Sabe-se lá por que a pessoa tem uma disponibilidade, enxerga coisas, tenta dar uma explicação para ela mesma e aparece um paradigma. O resto de tudo que coloquei – e só interessa esse resto – é contemporâneo. Não tenho culpa, sou vítima.

• AA – *No caso da psicanálise, nem podemos falar em mudança de paradigma. O paradigma é sexual – que é o mesmo de Freud, de Lacan e de Magno.*

O paradigma é o mesmo, mas como ele se temporaliza, como está funcionando no atual, como a contemporaneidade o está exprimindo? De Freud para Lacan, o que vemos é um processo de abstração e generalização. Foi o que tentei continuar ao limpar e extrair dali umas maquininhas de operação. E daqui a dois séculos, com os computadores quânticos etc., o que fazer com esse paradigma? Teremos todos os saberes em grande suruba.

• AA – *Quanto ao que você trouxe sobre os qbits e a Bifididade, como o paradigma é sexual – desenhado em última instância como “Haver desejo de não-Haver” – e o Pulsional é colocado como Alei número um para o que quer que haja, temos que notar que a física não tem um paradigma dessa ordem. Ela tem o conceito de força, e o de entropia é apenas mais um. Este não é elevado, como queria Einstein, ao número um da física. A proximidade com a psicanálise é feita, mas com bastante dissimetria quanto ao paradigma.*

De nosso ponto de vista, a física tem que ter um paradigma sexual. Se, em última instância, Alei é “Haver desejo de não-Haver”, qualquer conhecimento terá que passar por aí. O pessoal lá é sintomático demais para ter esse paradigma, mas terá que ter. O que os aprisiona é a história da física. Os passos que dão são difíceis e é frequente desconfiarem do passo novo. Desconfiam da física quântica, por exemplo. Se algum discurso acena com uma

possibilidade, por que não acolhê-la? Há certo fechamento dentro dos discursos que não permite. Essa tolice vai acabar. Aí os desenhos exclusivos se desfazem e se tornam uma questão do conhecimento enquanto tal. Vejam a estranheza que causa um Rupert Sheldrake ao falar em ressonâncias morfogenéticas e em a realidade ser mais do que o quântico, ser pura organização de mini formações.

- AA – *Há anos atrás, fui a uma conferência de Sheldrake na UFRJ. O público era de astrólogos, cartomantes, bruxos, feiticeiros, alquimistas...*

Os cientistas os rejeitam e esse pessoal acha que ele está dizendo algo do que eles dizem. É grande a quantidade de bruxos e bruxos que conta com a física quântica. Mas, ao contrário, Sheldrake é cientista. Em seu trabalho está inclusa a ideia de ser possível extrair o entendimento de que o Sexo é uma armadilha tão essencial e tão violenta que está em toda e qualquer formação. Se não fosse assim, o Haver não funcionaria. É o Haver indo para não-Haver, achando que vai gozar e quebrando a cara a cada vez. Os físicos não tomam o sexo como Sexão, e sim como acoplamento de animal, o que é justamente a armadilha montada pelo Haver para nos ferrarmos, para ficarmos fazendo filho e coisas quetais. Não entendem que as formações, por mínimas que sejam, estão disponíveis. Ao serem articuladas de algum modo, produz-se um conhecimento – sempre precário: é o conhecimento que se conseguiu produzir.

- AA – *A teoria da informação decide sobre o que é conhecimento conforme três estágios para a mesma informação.*

Primeiro, é a entropia, que é informação, mas não se sabe qual. A suposição é que haja informação lá. Ao se fazer o cálculo logarítmico, é possível extrair bifurcações e tomar decisões. Quando uma é achada, temos uma informação. Com a repetição desse processo, se o resultado for o mesmo, produz-se um processo chamado redundância: uma informação, sempre que calculada, provavelmente dará o mesmo resultado. A redundância é uma estratificação da informação, que, neste estágio, é uma obtenção de cálculo sobre o entrópico. E, num terceiro estágio, a informação se torna perigosa, pois, quanto maior for seu tempo de permanência na redundância, mais chance haverá de ela entropizar e a gente se ferrar.

Ao mesmo tempo que é difícil separar conhecimento de redundância.

- P – *Quanto a isso, podemos pensar na ideia de buraco negro, do qual informação alguma escaparia?*

O próprio Stephen Hawking teve que aceitar que o buraco negro evapora, solta informação com toda a gravidade. Não é possível no Haver um buraco negro absoluto. De alguma forma, aquilo se mexe. Se não, o universo paralisaria. Esta é a tese de alguns físicos caso não houvesse chance de o universo se modificar. Daí a tese deles do buraco branco. Há uma saída, um ralo, que seria a evaporação do buraco negro. Daqui a uns dois séculos o conhecimento será abrangente, todos os seus rótulos desaparecerão.

Essas especificações são coisa de macaco. Em termos de comportamento humano, basta ver o pessoal retrógrado de hoje assustado com o fato de a circulação veloz de informação sobre as pessoas ter permitido que elas sejam singulares. Se quisermos ser contemporâneos, teremos que pensar tudo em termos de gradação. Tudo é gradual. Qual é o gênero de alguém? Mais ou menos para cá, mais ou menos para lá. É necessária uma descrição para achar a régua na qual cada um está. O pessoal antigo quer definições distintas para cada caso. A psicanálise começou assim dizendo bobagens classificatórias. A todo momento, Freud achava uma nova neurose. Não era de sua época juntar aquilo tudo num único pacote, o que não dava abertura para se fazer a leitura de um caso. Quais são os sintomas, os ingredientes, as formações de uma pessoa? Ela pode reconhecê-los e ir para a vida com esse reconhecimento de si mesma. É de morrer de rir hoje ver algum analista dito freudiano ficar falando em Édipo. Por isso, fiz a tentativa de, ao invés de falar em neuroses e coisas do tipo, apontar para formaçõezinhas mais para lá ou para cá, todas graduais. E a gradação é a tal ponto que, de repente, vira ao contrário. Não é incomum, por exemplo, vermos um dito obsessivo dar um ataque histérico.

• AA – *Um dos temas da atualidade é falar em tecnologias exponenciais. Seria correto dizer que a expressão do Tesão é exponencial?*

Sim. Por isso, digo que o Tesão é excessivo. Da pré-história até hoje as mudanças ocorreram durante milênios. Hoje, são muitíssimo mais rápidas.